



Mulheres no campo

REGINA NEVES
SÃO PAULO

O agronegócio é a nova fronteira conquistada pelas mulheres. Ainda minoria, mas com presença crescente, elas já têm uma representatividade maior no segmento a partir das escolas. Segundo a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), de Piracicaba, no interior de São Paulo, de 2002 até 2007 a presença feminina passou de 36,1% para 38,2% nos cursos e, inclusive, está à frente em gestão ambiental onde somam hoje 65% do total de alunos contra 37,8 % em 2002.

Esta presença feminina também é constatada por respeitáveis headhunters como Jeffrey Abrahams, sócio da **Abrahams & Associates**. “Elas estão ocupando postos de comando estratégicos e de muita importância dentro da perspectiva atual de profissionalização do setor”, diz o consultor. “Encontramos hoje grandes talentos femininos nas áreas de RH, finanças, assuntos regulatórios, marketing, atendimento a clientes, em empresas de defensivos agrícolas, fertilizantes, biotecnologia, laboratórios químicos, sustentabilidade ambiental, além do trabalho direto no campo”, afirma.

“Há lugar tanto para as mulheres de formação específica: agrônomas, veterinárias, engenheiras florestal, biólogas, como também há lugar para as administradoras e economistas”, diz. Segundo o headhunter, as maiores oportunidades hoje estão no Oeste de São

Paulo, Sul do Mato Grosso, no Centro-oeste e Oeste baiano.

Ninguém poderia adivinhar que a carioca Carla Salomão, nascida e criada na zona Sul do Rio, sem ligação com o meio rural, viesse a fazer uma carreira de sucesso como agrônoma. O espanto começou quando ela resolveu ir estudar agronomia na Universidade de Viçosa (MG). Mas era vocação e deu certo.

Há 26 anos Carla começou a carreira como a primeira vendedora do quadro da **Dupont** responsável por todo o Norte do Paraná. “Fiz o que sempre vinha a fazer na minha vida. Adotei uma atitude profissional e na medida em que cumpria, e até excedia as metas, me fazia respeitar”, conta. Depois, foi para a **Vale do Rio Doce**, onde coordenou e criou o pólo hortifruticultor do Norte do Rio de Janeiro, e em seguida, presidiu a **Agrícola Fraiburgo**, de Santa Catarina, uma das maiores produtoras de maçãs do País.

“Foi um período muito produtivo e fomos os primeiros a implantar a rastreabilidade de frutas que, depois, deu origem a dos animais”, diz. Hoje, de volta ao Rio, tem sua própria consultoria, a **Sastro Consulting**, e trabalha com exportação de frutas e produtos orgânicos. “Nos últimos 26 anos o quadro mudou para a mulher, mas eu nunca tive problemas. O importante é ser capacitada e não usar estereótipos femininos como se fossem um diferencial. São eles que, na verdade, causam a discriminação.”

Já para Lilia Cristina Fiest Milde, engenheira agrônoma formada há 10 anos pela Universidade Federal do Paraná, e há

mais de cinco anos na **Monsanto**, a escolha foi natural. Filha de pequenos agricultores de Colombo, cidade que faz parte do cinturão verde de Curitiba (PR), cresceu entre o campo e a feira na capital onde a família tinha uma banca. Hoje, trabalha na Monsanto em Palmeira das Missões (RS), na área de desenvolvimento de vendas, o que inclui atendimento a grupos de produtores e revendedores.

Para ela o fato de ser mulher não representa nenhuma dificuldade. “É sempre mais fácil trabalhar com o pequeno produtor quando se constrói uma relação até aconchegante, ao contrário do grande produtor, que mantém a relação estritamente profissional, mas esta diferença é sentida tanto pelos homens do nosso grupo quanto por mim”, garante Lilia.

Cleide Jananina Pereira Lucas, 28 anos, que trabalha na **Sotretq S. A.**, revendedora da **Caterpillar**, em Contagem (MG) é uma boa prova de como a chegada da mulher no agronegócio é ainda recente. “Quando eu me formei como técnica em mecânica, não consegui vir para a Sotretq que, na época, não tinha mulheres em seus quadros”, conta.

Hoje tudo mudou e Cleide está finalmente no emprego de

seus sonhos. “Aliás, quem me contratou foi uma mulher, a coordenadora da oficina, Angela Ferreira”, conta Cleide que trabalha no setor mais masculino da oficina — a montagem de componentes de motor para caminhões fora-de-estrada onde até hoje é a única mulher.

“Com toda a tecnologia é fácil, não é pesado, pois há equipamentos para içar, transportar. A oficina é muito limpa também. E nunca me senti preterida pelo meu supervisor Ludovico Santana por ser mulher. Os colegas são legais, dão força, auxiliam, mas de vez em quando brincam e dizem: ‘Não queriam tanto direitos iguais? Agora agüentem’, mas não passa de brincadeira”, e completa: “Gosto muito do que faço e faço com prazer.”

Juliana Hosken, formada em agronomia e zootecnia, é diretora de comunicação do Impev (Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias) e trabalha com campanhas educativas para o consumidor final. O Impev foi criado pelas indústrias de defensivos para cumprir legislação federal, que prevê a destruição final das embalagens de agrotóxicos. “Quando comecei, a presença da mulher era uma raridade e eu chegava a surpreender em convenções de vendas. Mas nunca senti discriminação. Acho que os colegas até gostam, dá um balanço, um complemento”, afirma.

Irene Nods, agrônoma e neta de japoneses, trabalha na **FMC**, empresa do segmento de defensivos agrícolas no setor de registro e pretende voltar às áreas de marketing e vendas que considerava mais dinâmicas. “Gosto do contato mais direto com o produtor” diz ela. “Eles às vezes estranham no princípio, mas o fato de ser mulher também se transforma num referencial. Eles nunca se esquecem”, diz. “Certa vez fiz uma reunião com 120 produtores do Ceasa, descendentes de japoneses como eu, que depois me disseram que o principal motivo de haverem comparecido era para saber o que uma mulher japonesa estava fazendo por lá”, conta. “Quer dizer, o fato de ser mulher foi um facilitador”, brinca.